A Semana de Lisboa

Director — ALBERTO BRAGA

Redactores effectivos — *Alberto Braga* e *Mariano Pina*

Antiga Casa Bertrand — JOSE BASTOS — Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

N.º 53 | Domingo 4 de fevereiro | 1894

CONDESSA DE VILLA REAL

Se — em vez de ser de uma contemporanea, com a qual ha oito dias nos encontrámos no lindo *cotillon* côr de rosa da condessa de Paraty, e, ainda antes d'hontem, na primeira *soirée* d'este inverno no espirituoso salão de Madame Verhaeghe de Naeyer, — o retrato a que esta pagina se consagra fosse o de uma outra rica dona, egualmente da illustre estirpe dos Mellos, á qual os genealogistas do seculo XVI dão o cognome de *Formosa,* eu aproveitaria com solicitude este ensejo para tratar da formosura.

Bemdita seja a belleza! — diria eu — porque na ephemera physionomia de uma creatura, condemnada á irremissivel caducidade e ao aniquilamento commum a todas as coisas, a belleza humana é o mais divino reflexo do espirito immortal. Não a produz o acaso biologico, a fortuita aggregação de determinadas moleculas especiaes na evolução da materia humana. A belleza é o resultado de uma lenta selecção de sentimentos de casta, crystalisados na expressão do individuo pelo dominio de uma superioridade pessoal. A bellesa, emfim — para que o diga n'uma palavra — é uma obra d'arte. É o effeito physico de um consciente phenomeno moral. Por isso de si mesmo dizia Gœthe que se fizera bello pensando coisas justas. A natureza, pela sua parte, não faz distincções estheticas. Todos os selvagens são homogeneamente hediondos. É a civilisação que especialisa os individuos; e as raças tornam-se tanto mais bellas quanto mais cultas. Por um phenomeno de regressão, as pessôas civilisadas, quando estupidas, recuam para a uniformidade do typo; e, quer sejam de um, quer de outro sexo, já de vestido aberto pespontado de brilhantes, marabus na cabeça, e cauda no braço, já de casaca e calção curto, gravata branca e monoculo no ôlho, pela correcta uniformidade dos gestos e das maneiras, pela cucurbitacica ingenuidade dos narizes, pela dulçurosa conformidade do sorriso, e pela profunda e enternecedora inexprêssibilidade batatosa do olhar, elles e ellas são todos identicos, — como os palmipedes.

Assim venho a concluir que, sendo a belleza um merecimento intellectual, a toda a mulher linda se deve gratidão pelo simples facto de se mostrar linda. Alem de ser uma honra para a especie, eu considero a belleza — um obsequio. E não é com a prodigalidade de obsequios d'esses que se tem arruinado a nossa raça. No fim do seculo XV veio cá um polaco chamado Nicolau Popielovo, que foi a Setubal, onde estava a côrte, e o receberam no paço. Este homem escreveu nas suas notas de viagem, cujo autographo se conserva em Carcovia, que as caras das mulheres portuguezas offereciam o inconveniente de não ser facil a um estrangeiro distinguil-as das dos homens. Falo-lhes, muito de proposito, de coisas que se passaram ha quatrocentos annos para dar tempo a que ellas se tenham modificado.

Como porém se não trata agora precisamente de uma rica dona da Renascença, nem estamos, aqui assim no Chiado, á porta do snr. Manoel Gomes, o que inteiramente se pode dizer — entre os poetas palacianos do Cancioneiro de Garcia de Resende, prudentemente me abstenho da explanação da minha theoria.

Não, mancebos, não serei eu quem declare n'um periodico, se acho bonita ou se acho feia uma senhora que eu respeite. Não considero nos casos de receber essa opinião a publicidade contemporonea, á qual vós, ó jovens reporters, haveis dado, com vossa litteratura, uma forma tão rabeirenta e tão comechosa, que a este cyclo periodistico se ha de vir a chamar, com o respeito que lhe é devido, o minhoquismo da critica, o centopeiismo da arte.

Agora direi da senhora Condessa de Villa Real e de Mello, não o que d'ella pertence á poesia e á arte, mas o que n'ella, como dama de primeira nobreza do reino, se relaciona com a historia da sua patria.

Chama-se D. Thereza Francisca de Mello da Silva Breyner Sousa Tavares e Moura, e é a vigesima Senhora de Mello.

São da sua familia, de que é solar a sua casa da Villa de Mello, nas faldas da Serra da Estrella, os duques de Cadaval marquezes de Ferreira, os condes de S. Lourenço, de Tentugal, de Assumar, de Olivença, da Ponte, os Senhores de Serpa, e outros.

Por successivos casamentos participou esta familia por mais de uma vez de sangue real, e se alliou com a primeira nobreza de Hespanha e de França. Um filho de Fernando o Formoso casou com D. Filippa de Mello, e d'este casamento nasceu D. Jorge de Portugal, que, servindo em Hespanha a Carlos v. foi conde de Gelves; d'elle descende por varonia D. Pedro Colon de Portugal, duque de Veragua e de la Vega, marquez de Jamaica e de S. Leonardo, conde de Gelves, de Ayala, e Vilhanoso, grande almirante das Indias. Sua irmã D. Catharina Ventura de Portugal foi duqueza de Liria, duqueza de Veragua e Berwik, condessa de Gelves. Outro Mello, Alvaro, casou duas vezes em França: a primeira vez com a princeza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, filha de Francisco de Lorena, Conde de Rieux, principe de Harcourt, e de Catharina Henriqueta, filha natural de Henrique iv; a segunda vez com a princeza Margarida Armanda de Lorena, filha do conde de Armagnac e de Harcourt, estribeiro mór de Luiz xiv.

O Nobiliario do conde D. Pedro, no Titulo xlv, dá como tronco da familia dos Merlos ou Mellos, a Pedro Framariz, companheiro do conde D. Henrique.

O fundador da casa de Mello foi o neto de Framariz, D. Soeiro Raymundo, de Riba de Vizella, o qual foi com Ricardo Coração-de-Leão á conquista da Terra Santa, e se bateu heroicamente em Chipre e sob os muros de Jerusalem. D. Affonso ii o nomeou alferes mór; e a seu neto, egualmente alferes mór de Affonso iii, foi dado o primeiro Senhorio de Mello.

Mem Soares combateu com Affonso iii na tomada de Faro.

Martim Affonso de Mello, rico homem do tempo do rei D. Fernando, Senhor de Mello e de Linhares, Cêa, Gouvea, Celorico e Penamacor, foi o primeiro cavalleiro que sahiu a receber na cidade da Guarda o rei D. João de Castella, quando este vinha tomar posse do reino.

Vasco Martins de Mello, guarda-mór na côrte fernandina, foi o incumbido de acompanhar a Castella a rainha Beatriz.

Vasco de Mello e Martim de Mello estiveram em Aljubarrota, e bateram-se na vanguarda do pequeno exercito portuguez ao lado do condestavel Nunalvares. Acompanhava-os o pae, Vasco Martins de Mello. Ao terminar a batalha, Vasco de Mello, o moço, havendo jurado que n'esse dia aprisionaria o rei de Castella, ou se bateria peito a peito, á mão tenente, com elle, vendo-o em retirada, lançou-se-lhe no encalço, a toda a brida, só, chamando-o a brados, em pé nos estribos, de espada em punho. Os da escolta do castelhano, reconhecendo-o como portuguez, pela cruz de S. Jorge que levava, investiram com elle de lança em riste; e, n'esse recontro de honra, depois de alcançada e assegurada a victoria para o mestre de Aviz, morreu ás lançadas, por cumprir a jura que fizera, o moço Vasco Martins de Mello.

Um Pedro de Mello, filho de Martim Affonso, setimo senhor de Mello, foi chamado *o do Pucaro*, porque uma vez o pucaro lhe cahiu da salva ao dar de beber a D. João ii. E, como os fidalgos sorrissem d'este desastre de etiqueta, El-Rei disse: — *Pois nunca lhe cahiu da mão a lança em Africa.*

Directa representante de tão nobre e tão generoso sangue, herdeira de tão poeticas e tão cavalleirosas tradições, a actual Senhora de Mello acha-se bastante descabida no meio da melancolia social do nosso tempo. Pela aristocracia da sua raca, pela cultura litteraria da sua intelligencia, pela agudeza do seu engenho, pela finura do seu espirito, por todo o relevo da sua figura tão caracteristicamente peninsular, ella destôa do grosso pessoal da nossa epoca esmorecida e abastardada. A sua athmosphera seria a dos triumphantes fulgores artisticos da Renascença, no seculo xvi, entre cavalleiros e poetas, tendo almofada n'aquella pequena côrte, tão sublimada, da princeza Maria, onde a sua parenta D. Leonor de Noronha, filha do segundo marquez de Villa Real, se sentava ao lado da filha de Gil Vicente, entre Publia Hortensia de Castro e Luiza Sigêa.

No nosso tempo, em que os espiritos aristocraticos

vivem mais na recordação do passado do que no goso do presente ou na esperança tão enevoada do porvir, a condessa de Villa Real poderia dar ás suas faculdades um precioso emprego fazendo a historia dos seus, consagrando aos pergaminhos da sua casa um livro semelhante áquelles que recentemente publicaram em Hespanha as suas primas duqueza de Alba e duqueza de Villahermosa.

Não quero dizer com tal conselho que tenha sido até hoje desempregada a intelligencia d'esta senhora, porque é certo que na educação primorosa das suas encantadoras filhas ella fez o mais bello poema de que póde gloriar-se uma mulher.

Tem por armas, em campo vermelho, seis besantes de prata, entre uma doble cruz e uma bordadura de ouro; e, por timbre, uma aguia negra, abesentada de prata.

RAMALHO ORTIGÃO.

A SEMANA

A verdade é que ainda ninguem sabe ao certo o motivo porque o governo prohibiu o *meeting* de domingo.

Não se póde suppôr que os conspicuos membros da Associação Commercial escolhessem o Colyseu para n'elle realisarem um festim immoral, como foi o grande e famoso festim de Balthasar. Nunca! As fatidicas palavras que, durante a esplandecente orgia babylonica, appareceram gravadas nas paredes: *Mane! Thecel! Phares!* e que o propheta Daniel traduziu para: *Conta! peso! e medida!* não viriam á parede, como um ameaçador aviso da Providencia, porque essas palavras estavam naturalmente no espirito dos circumstantes. Se ha classe no mundo em que a conta, em que o peso e em que a medida estejam constantemente em acção, essa classe é a commercial, nobre classe que ao freguez applica implacavelmente a conta, á manteiga suavemente o peso e á fita avaramente o metro.

Um dos factos que mais surprehendeu e indignou, com justiça, o corpo commercial de Lisboa, foi vêr que o governo abusava das suas attribuições. Foi á legitima petição dos negociantes que o governo prestou indignamente... ouvidos de mercadôr! Esta usurpação dos direitos audictivos do commercio precisava, na realidade, de um corretivo severo. E não se póde deixar de reconhecer a gravidade do caso.

O commercio, na sua qualidade de classe sisuda e pacata, fechou então as portas, mas não soltou um grito, não levantou um brado, nem provocou um tumulto. Foi digno e heroico! Fez uma revolução solemne como um funeral, mas silenciosa como uma machina Singer! E, tendo fechado todas as lojas, todas as padarias e todas as mercearias, nem sequer deixou a cidade, a... pão e laranja! Não! Nem um só pão, nem uma só laranja!

Ora se a respeitavel classe commercial, que na terça-feira abriu á sua indignação meia porta e meio taipal, nos permitisse um conselho, dir-lhe-hiamos francamente que não é assim que pode, d'ora avante, patentear o seu desgosto. O sentimento do pesar manifesta-se, entre povos civilisados, pelo luto.

É pelo vestuario todo preto, desde o fumo no chapéo até a gravata de merino, que nós, os cultos, mostramos aos outros a intensidade da nossa paixão. Por isso nada seria mais triste, mais pungente e mais dilacerante, do que passar alguem, por exemplo, pela mercearia do sr. Martins, ao Chiado, e vêr exposto, á porta, um respeitavel queijo Gruyère coberto de crepes, a carpir, tendo ao lado um melancholico barril de manteiga forrado de escomilha, a chorar!

Foi d'este modo, pelo luto, que no dia seguinte ao da manifestação, procederam quasi todos os restaurantes. A sopa, o peixe, o guisado, o esperregado e o *roast beef*, tudo emfim o que sahia do fôrno e era servido ao freguez, vinha carregado de... *fumo*, um fumo talvez insensivel aos olhos, mas em compensação muito sensivel ao paladar!

Não podemos, pois, deixar de applaudir aqui a attitude do commercio. Desde que o governo mandava abusivamente fechar as boccas aos verbos, o negociante não podia deixar de fechar as suas portas aos viveres. Foi o que fez. A segunda feira de 29 de janeiro, que, por proposta da illustre associação dos logistas, passa no kalendario a ser para o lojista um dia feriado, ficará egualmente sendo para o consumidôr, dado a repetição do caso, um dia de jejum.

E no agiologio christão terá de figurar e de resplandecer o nome de um novo santo, assim indicado: — *S. Fulão, merceeiro e martyr. Paramentos verdes. Jejum e indulgencias.*

* * *

Mas o governo, depois de ter prohibido o *meeting* do Colyseu, esperou que a Associação Commercial a Associação Industrial e a dos Lojistas se mantivessem nos limites da lei. Parece que estas tres associações não corresponderam á expectativa. No auge da sua indignação, incorreram em culpas que o codigo condemna.

O governo, então, manifestando um acto de força com que pouca gente contava, lavrou na quinta-feira um decreto e dissolveu as tres corporações.

Não se pode ainda calcular os resultados d'este decreto. Aquelle valentão, que d'uma cajadada matava dous coelhos, fica, pois, a perder de vista deante do ministro que, d'uma só pennada matou tres associações!

O que hão-de então fazer, depois de tal execução, os membros das respectivas associações?

Uma vez que o governo as não permitte com as designações com que se estabeleceram, poderão ellas organisar-se sobre uma rasão diversa? Assim, por exemplo, poderá a Associação Commercial transformar-se em sociedade philarmonica, e intitular-se — *Sociedade recreativa dos filhos d'Apollo* — sem receio de que outro decreto a obrigue a metter de novo a viola no sacco?

Será accaso permittido á extincta associação dos srs. lojistas designar-se uma sociedade coreographica, com o ti-

tulo de — *Graciosos filhos de Therpsichore* — sem medo de que o governo mande dançar de novo os socios, tocando-lhes graciosamente a pavana?

E não poderá a Associação industrial ser de futuro uma sociedade de cultura campestre, com a designação pittoresca de — *Filhos das tristes hervas* — sem risco do que a auctoridade um dia, em plena sessão, ao ar livre, lhes vá de surpreza ao faval?

Se as instituições liberaes, que felizmente nos regem, depois da gloriosa outhorga da Carta, tambem não consentem n'estes singellos e inoffensivos passatempos da classe industrial e comercial, então resta a cada um dos srs. commerciantes, dos srs. lojistas e dos srs. industriaes entrar serenamente n'um convento, para em vez de negociar em fundos, em vez de vender arroz e em vez de produzir flanella, rezar fervorosamente matinas e entoar ladainhas.

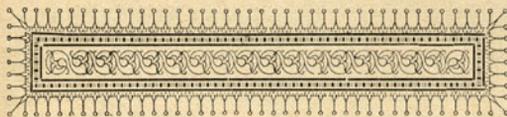
Por esta fórma, uma vez que os srs. commerciantes se não resignaram a commerciar, os srs. lojistas a vender e os srs. industriaes a industriar, voltaremos aos saudosos tempos dos bernardos, dos bentos e dos cruzios, para regalo das almas pacificas e dos corpos pachorrentos.

Eis, pois, o que nos permittimos, se n'isto não incorrermos em culpa, lembrar d'aqui ao governo:

Vestindo o negro perpoem de velludo de *Hamlet*, e dando á physionomia uma dôce expressão scismadora e mysteriosa, deve o governo encontrar-se na rua dos Capellistas com as louras *Ophelias* commerciaes, e dizer-lhes com voz entre cava e desdenhosa:

— *Get thee to a nunnery*. Vae! paga o imposto, ou entra n'um convento!

É um conselho de amigo, e que graciosamente lhe offeremos, sem aspirarmos, como recompensa, nem á banal direcção de uma secretaria, nem á gloriosa reclusão no Limoeiro!

PANGLOSS.

CHRONICA ELEGANTE

Os jantares e as *soirées* da legação da Belgica, da legação da Italia e da legação da Russia são as unicas festas em que, durante este inverno, se tem reunido a nossa sociedade elegante. Ainda até hoje nenhum dos bellos salões portuguezes abriu as suas portas; e das sumptuosas festas que outr'ora havia no palacio dos srs. duques de Palmella, ao Rato, dos srs. marquezes da Fronteira e Alorna, em Bemfica, em casa dos srs. condes de Valbom e de Magalhães, resta apenas a tradicção. Como se os brasões da nossa aristocracia estivessem amantados de crepes e o luto justificasse a reclusão, de todos aquelles bailes, que eram sempre tão elegantes e tão animados, não póde hoje a chronica referir-se senão com a saudade d'um prazer que passou e de que fica apenas uma doce e grata recordação. Ainda o anno passado, no carnaval, a nossa chronica descreveu o baile *costumé* dado pelo sr. Jorge O'Neil, baile deslumbrante e em que a variedade e riqueza dos vestuarios antigos imprimiam um aspecto tão gracioso e pittoresco.

Mas este inverno tem sido só o corpo diplomatico a animar a nossa sociedade, prodigalisando banquetes e *soirées* e reunindo nos seus salões tudo o que ha de mais distincto entre nós.

Na segunda-feira, no palacio do sr. marquez de Spinola, illustre ministro de Italia, houve uma *soirée* intima e que correu muito animada, porque a cada instante eram as salas invadidas por grupos de mascaras.

Havia entre estes, dois elegantes dominós pretos, que só á sahida foram reconhecidos e que disfarçavam duas das mais espirituosas diplomatas. Dançou-se com muito *entrain* até ás 2 horas da madrugada, terminando a *soirée* por um *cotillon*.

Na quarta-feira, jantar e *soirée* na legação da Belgica. Madame Verhaeghe de Naeyer, a encantadora esposa do ministro, fez as honras da sua festa com a mais captivante amabilidade.

Ao jantar assistiram as sr.as condessa de Villa Real e de Mello, Baroneza de S. Pedro, lady Karuth, miss Karuth D. Maria dos Prazeres e D. Thereza de Sousa Botelho; e os srs. Nuncio de Sua Santidade e auditor, ministro da America, da França, Barão de S. Pedro, Conde de Lie de Kerke e Alfredo O'Neil.

O *menu* foi o seguinte:

Consommé Marie Louise
Ottereaux à la Moderne
Saumon sauce Riche
Jambon glacé au Madère
Filets Mignons de Dinde à la Talleyrand
Mousse de Foie gras em Belle Vue
Sorbets Victoria
Bécasses sur Canapés
Salade Vénitienne
Cepes à la Bordelaise
Timbale d'Ananas
Parfait Café praliné
Gâteaux

Findo o jantar, realisou-se a *soirée*, que esteve muito animada e á qual concorreram muitas mascaras.

D'entre as senhoras sobresahia pela elegancia da sua figura, pela correcção da sua incomparavel belleza e pela scintillação do seu animado espirito, Madame Blondel, que trajava uma linda *toilette* azul guarnecida de rendas brancas. Foi, durante a noite, o alvo de todas as attenções, e d'entre os mascaras que se lhe dirigiam houve um, que, extasiado pela sua formosura, lhe dirigiu estes dous versos de Arsène Houssaye:

Vous avez la beauté plus belle que la grâce
Et la grâce plus belle encore que la beauté

É que na realidade nunca os versos do poeta francez tiveram mais legitima applicação.

Assistiram á *soirée*, entre outras, as sr.as Duqueza de Avila e de Bolama, Marqueza de Spinola e filha. Condessas de Bray, de Belgrano, de Magalhães e filha, de Valenças e filhas, de Villa Real, de Sabugal, de Jimenez y Molina, d'Avila. Viscondessas de Taveiro, de Alferrarede, Baronezas de S. Pedro, de Hortega. Madame Schévitch e filha, D. Grimaneza Vianna de Lima, Madame Blondel, Madame de Berti, D. Anna de Serpa Pimentel, D. Joaquina

Ornellas e filhas. D. Victoria de Oliveira Martins D. Alice Anjos e filhas. D. Maria Luiza de SáPereira, D Maria Francisca de Menezes. D. Maria dos Prazeres e D. Thereza de Souza Botelho. D. Leonor dos Anjos Diniz D. Guilhermina Bastos. e filhas. D. Marianna de Castro Guimarães, Madame Goiry, D. Maria Penafiel, Mademoiselle Anna Martin, D. Fernanda Bregaro, Madame Costa Pinto, Madame Plantier etc., etc.

GRAZIEL.

AGENDA

DOMINGO, 4 — Recepção, durante o dia, em casa de Madame Becherat.

— Anniversario da sr.ª D. Maria Roma Barbosa de Castro.

SEGUNDA-FEIRA, 5 — Recepção, durante o dia, em casa de Madame Blondel.

— Jantar na legação da Russia.

— *Soirée* em casa da sr.ª Condessa de Penalva d'Alva.

— Anniversario da sr.ª D. Maria Luiza de Portugal e Castro e do sr Bernardo Homem de Figueiredo Leitão (Caria).

TERÇA-FEIRA, 6 — Anniversario da sr.ª D. Maria Pilar d'Andrade Corvo Barroso a dos srs. Conde de Lavradio, Visconde de Trancoso.

QUARTA-FEIRA, 7 — Madame Veraeghe suspende hoje as suas recepções semanaes.

— Anniversario do sr. Conde da Aurora, Barão d'Alcochete e D. José d'Almeida.

QUINTA-FEIRA, 8 — Anniversarios da sr.ª D. Maria Thereza Freire Cabral Metello e do sr. D. Manuel Coelho Lobo da Silveira) Alvito).

SEXTA-FEIRA, 9 — Anniversario do sr. D. Duarte Manuel (Atalaya).

VALERIA

Quando ella entrava ao Circo um murmurio de espanto volitava sobre as vastas *lineas* apinhadas de gente. Na arena dependia de seu capricho o gladiador prostrado. No theatro, ao vel-a chegar, na triumphal formosura, os moços levantavam-se e applaudiam. Vitellio, o pançudo glotão, pensou, vendo-a, que daria, por beijal-a uma vez, o rodovalho da terceira ceia ensopado em saborosa muria de Bysancio. Se arrastava sobre o mosaico dos Porticos as suas tunicas de Cos as cortezãs mais celebradas enfiavam sob as triplices pastas de carmim. Os gestos sobrios, na elegancia ondulante do porte, tinham as curvas da esculptura magistral. Não eram mais suaves as linhas dos braços de Here, esculpidas pelo cinzel de Phidias em marmore penthelico.

Sabia de cór Sophocles e Menandro. Commentava longamente as Tusculanas de Cicero. Redizia as furias de Dido com a immaculada correcção de Paris, o mimo dilecto de toda a Roma. Meditava Platão, o divino. Sorvia delicias indiziveis nas discussões dos rhetoricos. Vago sorrir de seus labios, vincados de ironia, desconcertava os mais seguros sophistas.

A educação e o exercicio deram-lhe á musculatura a rijeza, a flexibilidade do aço. Na espada larga e curta do *secutor* tinha a perfeição technica de Hippias, o lanista. Os mestres na profissão temiam-n'a. Ninguem arremessava a rede com a presteza de seu braço; ninguem vibrava mais rapido o tridente; falhando o lanço, voava com a presteza de Atalanta pela arena humida. Um dia desceu a combater armada no Circo Maximo. O retiario que se lhe oppoz cahiu ao primeiro golpe.

Amava com ardor os mysterios da magia negra. Era Canidia na composição de philtros e amavios, de saber inexhaurivel no preparo dos venenos. Fazia-os lentos e rapidos, para acabarem de pronto e para consumirem em longos dias, uns que matavam com angustias pavorosas, outros com voluptuosas agonias. Este saber inspirava-lhe confiança nos lances mais difficeis. Galeria perguntava-lhe no retiro onde a definhavam saudades de Vitellio, como ousara affrontar a agonia precursora da morte no circo tumultuoso.— «Tingi as unhas da mais subtil peçonha. Morria rapido sem dôr.»

Mas em torno de seu nome vogava um boato lugubre. A romana era casta. D'uma castidade descortez, alheia á moda, indigna do sangue que lhe aquecia o coração patricio. Ninguem lh'os vira nunca, nunca ninguem lhe presentira os seios sob as pregas multiplas da tunica ampla e affogada á raiz do collo, — do seu collo esvelto, da clareza do leite quando jorra do ubere pela primeira vez fecundo. Os pés, banhados, ungidos, retinctos cada dia por dez escravas negras no leite de cem cabras, em perfumes do oriente ultimo, nunca ninguem lh'os entreviu, sob a *instita* virginea. Mandou lançar amordaçado ao viveiro das moreias o travesso escravosinho que entreabrira os olhos, quando, ao sair do banho, se enxugava desvestida aos seus cabellos. O tribuno Mucio Valens, morto por Publio Aufidio, seu collega e amigo com peçonha que ella ministrara, vira-lhe um dia o seio, ao desprender-se-lhe acaso a tunica do colchete de rubis que lh'a prendia no hombro.

Amava-a o Tribuno Publio, seu primo, o assassino de Mucio Valens. Porque era bella e porque era assombrosamente rica. Quinto Aufidio administrara ou, mais correctamente, assolara tres provincias consulares, que vieram, nuas e desamparadas carpir-se aos pés de Vitellio das exacções do Proconsul. Publio corrigia as iniquidades do pae dissipando-lhe as riquezas. Perdia com serena indifferença um milhão de sestecios.

N'uns jogos votivos por Vitellio, restabelecido d'uma indigestão de ostras da Bretanha, despendeu quantia equivalente aos tributos de seis provincias. A riqueza de Valeria, descendente e imitadora d'uma estensa mas sobria avoenga, tentava-o. Quanto á castidade da prima, Publio confiava em si. Sem rasão. A cabal inefficacia de tres annos de assiduidades instantes centuplicou-lhe os desejos. Valeria era agora sua noiva.

Uma circumstancia apenas trazia irrealisado o enlace: Valeria seguia com interesse um curso de philosophia que certo epicurista, recemvindo de Siracusa, abrira em Roma. O tribuno consentiu na demora. Viu nas licções do grego um auxiliar potente. Dispensavam-lhe talvez os enfados do casamento.

Uma tarde viera Publio ao palacio do Aventino. Achou a prima sepulta na bibliotheca perfumada e tepida: meditava entre rolos de papiros e volumes cheios do saber do mestre.

A entrevista durou pouco. Valeria parecia muito absorta. Quando o tribuno ía retirar-se, a romana, quebrando a indifferença com que o tratara, disse-lhe:

— Quanto vale o tabellario, que me trouxe a grata nova da tua visita de hoje?

— Se mereceu o teu agrado um milhão de sestercios, pelo menos. É muito elegante e gentil. — E fitou persistente os olhos no rosto da romana. Pareceu-lhe que rosara levemente. Illusão. Valeria, sem a mais leve alteração na voz: — Notei-lhe os cabellos longos, sedosos, e macios como o froixel d'um cysne pequenino. Que nome tem?

— Endymion!

— Sabes que Arminius o meu germanosinho das tranças longas e aveludadas... Não ha tal contrariedade!

— Levaram-t'o as saudades das selvas da sua patria.

— Descompoz por fórma tal o ultimo ramo que me enviaste que mal pude comprehender-te as mudas mensageiras!

— O travesso!

— Castiguei-o com mil e quinhentos açoutes. Mas não se lhe applicaram todos...

— Perdoaste-lhe?

— Morreu!

— Uns miseros, estes escravos. Adoptei agora modo mais simples, e egualmente inhumano, de os punir. Desagradam-me, crucifico-os.

— Eu lanço-os vivos aos meus aquarios. É mais util e mais divertido. Mas, Publio escolhe entre as estatuas do meu Atrio... A Venus,

por exemplo. Disseste-me que valia cem mil sestercios. Acceita-m'a pelo teu Endymion.

— Nunca! E dissimulando o motivo da recusa: Prova á minha meza os vinhos e iguarias de que suspeito. Salvou-me duas vezes a vida arriscando a sua. Que dirião os teus philosophos da minha ingratidão! Oh nunca!

Valeria irritou-se da recusa. Publio julgou mais opportuno ceder. Uma ideia tranquillisadora atravessara-lhe o espirito perverso.

— Endymion não tem preço em sestercios ou ainda em obras primas teu do atrio. Mas a mais leve mostra de teu favor vale uma legião de Endymion. — E sorriu com lasciva galanteria.

Depois de breve discussão Valeria consentiu que Publio lhe beijasse a sombra. O tribuno declarou rindo o favor metaphysico de mais. Lembrou-lhe que não estava tratando com o sophista de Syracusa Assentou-se porfim em que Publio lhe beijaria, sem testemunhas, mas por uma só vez, o dedo minimo do pé direito. Ao consentir contrafeita, Valeria conseguiu tingir de pejo as faces alvissimas.

— Em poucas horas o escravo é teu!

A emoção não permittiu que Valeria notasse, sulcado de ironia, o labio tremulo de Publio.

(Continúa)

José de Sousa Monteiro.

NO ESTRANGEIRO

Um dos casos mais importantes referidos esta semana pela imprensa estrangeira é o aviso diplomatico feito pelo barão James Harden Hickay ás potencias européas de que, tendo encontrado deshabitada em pleno Oceano Atlantico a ilha da Trindade, d'ella se apossára, n'ella constituira um estado, e a si mesmo se proclamára soberano! Pois viva o rei Hískay! A ilha é um rochedo de cinco a seis milhas de comprimento sobre duas de largo e está situada na costa do Brazil, e, segundo os geographos francezes, foi ha dous seculos habitada pelos portuguezes, que afinal a abandonaram, deixando-a em paz, ás moscas e ás tartarugas.

O que, averiguado o importante caso, fará a Sociedade de Geographia de Lisboa, é que ainda ninguem sabe. Reunir-se-ha em sessão plenaria, sob a presidencia do sr. Luciano Cordeiro, e animará os seus conspicuos e zelosos membros a irem reconquistar a ilha, expulsando d'ella o soberano usurpadôr? Segundo apregôa o rei Hickay, a ilha da Trindade tem no planalto uma luxuriante vegetação de fetos, acacias e feijões carrapatos, e nas suas margens tão verdes e pittorescas pululam as tartarugas.

Pode, pois, a Sociedade de Geographia deixar á revelia e ao estomago faminto e avido de Hickay o regalo de tão saborosos feijões carrapatos e de tão apreciaveis tartarugas?

É este um momento solemne para a Sociedade de Geographia.

Ou ella se levanta, com a energia e o fervôr que a caracterisam, em defeza do feijão e da tartaruga da Trindade, ou ella abandona o ensejo tão propicio ao seu patriotismo e denodo, e n'esse caso deve ser dissolvida como inutil e como incapaz! Ella que, em noites de preciosa vigilia, está pensando, calculando e meditando no meio de disputar á altiva Albion, palmo a palmo, o terreno de Manica, deixará acaso ao usurpador Hickay a posse de um tão rico e apregoado feijoal? Não o acreditamos. E até suppomos que a Sociedade ali irá, não só para disputar feijões, mas principalmente para ali plantar batatas — facto que ha muito deveria ter praticado!

*
* *

— «Deve-se ser perdulario? deve-se ser avarento?. . .»

Eis as perguntas, cheias de anciedade, que n'este momento dirigem os jornalistas parisienses aos philosophos, aos economistas e aos mais calvos e circumspectos pensadores.

Foi o caso que no tribunal do Sena, sendo julgado o processo d'um jovem para quem a familia reclamava a interdição, em vista da rapidez com que devorava o patrimonio avaliado n'alguns milhões de francos, — surgio um illustre advogado e antigo ministro no tempo de Gambetta, sr. Waldeck-Rousseau, fazendo a apologia da prodigalidade que, pelas mãos dos filhos dissipadores «restitue á circulação» os milhões amontoados pelos paes economicos, trabalhadores ou avaros.

A justiça franceza hesita, em vista das opiniões desencontradas dos advogados, dos legisladores, dos economistas e outros sabios, — uns considerando como um bem para a Sociedade, que os mancebos em meia duzia de mezes atirem aos quatro ventos (do amor e do jogo) a fortuna herdada, outros que a tornem cada vez mais florescente.

De sorte que a hesitação está n'isto — que a Justiça e a Moral não sabem se todo o mancebo deve seguir o exemplo de *Armand Duval*, que com o amôr das mulheres se arruinava, se o exemplo de *Monsieur Alphonse*, o qual com o amôr das mulheres enriquecia.

O nosso voto, francamente, é pelo primeiro lado do problema.

Phileas-Fogg.

Sport

Cricket, Football

Está aberta a temporada de *football* e de *cricket*.

Por essa verde relva que se estende por ahi fóra tremem ao frio as bandeirinhas multicores dos *buts*.

Surgem do glauco das chapadas, o branco da flanella e as *vareuses* ás listas. E n'um fremito de enthusiasmo e de vida, movem-se os jogadores, animadamente, correndo, seguindo a bola, saltando, atirando com o *bat*, dando *kicks!*

Nada mais delicioso de frescura do que este espectaculo!

Panorama que delicia a quem visita Harrow, Kennington-Oval, St. Johns Wood, com os seus extensissimos prados ressumando frescura, a quem entra no elegante campo de Bagatelle em Paris, pertencente ao *Polo-Club*, em Winchester, Oxford, Cambridge, no *Racing-Club*, e em tantos outros, e sobre todos em Eton, a escola modêlo, ligada á real moradía de Windsor como uma escola de pagens, que não raro se descobrem na volta de alguma alea solitaria fazendo as mais respeitosas reverencias a Sua Graciosa Magestade que nostalgicamente passeia a sua viuvez pelo socego da paizagem.

É ahi, em Eton, que a vida de *sport*, de *francy-sport*, se desenrola em toda a sua belleza idyllica. Sobre essas *graínds* a perder de vista onde deslisam varios braços do Tamisa, mais de vinte gerações teem praticado o athletismo, teem dilatado os pulmões, levantado o peito, vivificado o sangue.

E comquanto pése aos nossos rotineiros, á nossa Rua do Ouro e ás nossas meninas da Baixa, aquella raça de alem Mancha apura-se physicamente dia a dia.

Comprehende-o a França e segue-lhe as pisadas. Comprehende-o a Allemanha e as suas escolas exercitam-se em todos os ramos do *sport*. De ha muito que os Estados Unidos o comprehenderam·

Entre nós vae a pouco e pouco...

O *football*, jogo animadissimo, movimentado, sensaccional, encontrou aqui aquelle apoio latino que encontra tudo quanto fôr arrojado e tiver um *tic* salgado e violento, as pégas, o jogo de pau, a bordoada... e mais miudezas no genero·

Começou modesto e escondido. Todas as manhãs lá se íam espetar uns pausitos muito esguios, a um canto do Campo Pequeno, em frente do palacio do conde das Galveias; e ahi se começou jogando. Ás vezes nem se arranjavam os 22 *players!*

Depois, como cerejas, uns fôram puchando os outros, já se disputava o melhor campo, admittindo-se sempre como em direito internacional, que a posse do territorio indigena presumia a bandeira do povo conquistador. A nossa era uma vassoura, nem mais nem menos, symbolo de civilisação, á falta de melhor...

Hoje o *football* começa a impôr-se dicididamente; todos os domingos o campo das Salesias se enche de *teams* que se batem n'uma promiscuidade de côres garridas, a que o sol dá tons alegres.

Jogam o *football* varios clubs.

Mais de um *match* se tem batido entre *Carcavellos-Club, Club Lisbonense, Real Gymnasio Club, Club de Braço de Prata, Football-Club Estrella, Club de Lisboa, Football Club Esperança*, e outros· Alem d'estes muitos *teams* particulares teem entrado em *matches*.

Por que não seguem os collegios de Lisboa este movimento?

Comprehende-se que o commendador Ramos não deixe o Bibi jogar aquelle jogo de inglezes, porque o Bibi é muito fraquinho das pernas. Comprehende-se que a variada collecção de Sousas, de Oliveiras não dê licença aos seus Chicos, aos seus Carlinhos e aos seus Nhónhós, para endireitarem os hombros, darem plasticidade aos musculos, fazerem uma provisão de oxygenio, *en plein air*, por todos os póros, deixando-os correr, jogar, suar.

Comprehende-se isso, é um producto do meio. Essas collecções de pessoas acham sufficiente o seu *sport* do ir á missa ao Loreto, de dizer mal das Pessanhas e da mulher do Onofre, de tomarem banho em Pedrouços e de fazerem sortes pelo Santo Antonio.

Os directores dos nossos collegios, porem, devem ter uma idéa vinculada do que seja uma educação completa. O collégio Arriaga tenta uma educação assim; os seus pequenos *scholars* já praticam o *rowing* de verão. No extincto collégio Villar, a par do aperfeiçoamento intellecto havia o desenvolvimento physico e foi d'elle que sahiu o *team* de *football* mais valente do seu tempo.

Mandem os alumnos para o campo praticar o *cricket* e o *lawn-tennis*, e o *football*. Nada d'isto é antagonico com a grammatica do sr. Epiphanio, nem o compendio da Historia Universal.

As côres sadias começarão surgindo n'essas enfiadas de meninos que pachorrentamente rebolam por essas ruas, aos domingos, em ar de tropa de linha que vem do exercicio.

Mil enfezados com pernas de frangos encontrarão no campo a vida que se lhes escôa em prodigios grammaticaes ou em vigilias de geographia, agarrados ao mappa-mundo, em busca do Hymalaya e da cordilheira dos Andes!

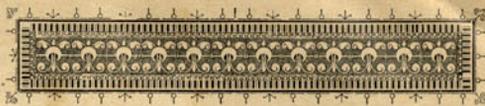
Assim, não perderão as probabilidades de virem a ser bachareis, nem medicos de partido, nem chefes de repartição.

Que me lembrem, tambem jogaram o *cricket* Robert Peel, Russell, Pitt, lord Halifax, Gladstone, lord Sandwich e mil outros homens de Estado, em Inglaterra.

E, sem grandes arrojos de imaginação, póde suppôr-se que qualquer d'estes nomes não será modêlo desprezivel, para ser seguido por todos os nossos Bibis.

ANTONIO BANDEIRA.

O mysterio dos mysterios será sempre este: é o contorno d'uma bocca, a linha d'um gesto, a luz d'um certo olhar, produzindo entre a mulher e o homem, attracções como ha de esphera para esphera.

ED. E JULES DE GONCOURT

THEATROS E CIRCOS

S. CARLOS

Na sexta-feira, contra a espectativa de muita gente que aprecia a musica e que sabe como a sala é turbulenta nas noites proximas do carnaval, subiu pela primeira vez á scena a *Manon Lescaut*, opera em 4 actos de Puccini.

Foi pena que a empreza fizesse cantar n'esta epocha de folias uma opera que encerra tantas bellezas, e que tantos applausos tem colhido nos theatros estrangeiros. Mas, emfim, a doença de alguns artistas assim o exigiu.

A parte da protagonista foi confiada a Valentina Mendioroz. E não podia o papel ter melhor interprete; porque poucas artistas se encontrarão que reunam um conjuncto de qualidades como as que possue esta gentil cantora. E não nos referimos só aos predicados da sua garganta, á pureza da sua voz e á intensão artistica que ella imprime á musica. O papel de *Manon* tem outras exigencias. Requer não só uma cantora primorosa, mas ainda qualidades dramaticas proprias de uma actriz consummada. E a todas essas exigencias correspondeu o notavel talento da sr.ª Mendioroz, que representou toda a peça primorosamente, alegre, graciosa e viva nos dois primeiros actos e accentuando admiravelmente os lances dramaticos dos dois ultimos.

O publico, que a escutou com attenção e a applaudiu com enthusiasmo no *Lohengrin* e no *Othelo*, fez-lhe na sexta-feira uma ovação. E foram significativos aquelles applausos n'uma noite em que uma parte da plateia está sempre disposta para a turbulencia. O merito de Mendioroz, porém, a pureza crystalina da sua voz, a sympathia da sua figura, a perfeição do seu canto e o seu talento dramatico impozeram-se, e conseguiram que se restabelecesse a tranquilidade e o respeito na sala de cada vez que ella cantava. Se a *Manon* tivesse sido cantada antes ou depois das noites carnavalescas, Valentina Mendioroz poderia com certeza contar mais um triumpho na sua já brilhante carreira artistica.

O tenor Maina fez a parte de *Des Grieux*. Cantou bem e mostrou que comprehendia a personagem. Deveria ter sido applaudido, principalmente no segundo acto.

A sr.ª Guerrinni fez a parte de *muzico*. E' um dos trechos mais bellos da partitura o madrigal, que a sr.ª Guerrinni cantou com delicadeza e correcção, sendo no final muito applaudida.

Os outros artistas concorreram para o exito do desempenho.

Esperamos que a *Manon Lescaut* se mantenha em scena, e sobretudo que seja cantada depois do carnaval.

O *maestro* Bimboni ensaiou muito bem a peça.

D. MARIA

Continúa n'este theatro a ser ouvida com muito agrado uma graciosa comedia n'um acto, em verso, *O salto mortal*, original do sr. H. Lopes de Mendonça.

Na sua comedia, o sr. Lopes do Mendonça soube vencer uma difficuldade que para muitos poetas é um escolho. Fazendo fallar camponezes em verso, o poeta soube *impersonalisar-se* até ao ponto de não deixar escapar uma só phrase litteraria em que se advinhasse o artista fazendo arte pela arte, o que destoaria do caracter dos personagens. O verso só se faz sentir pelo rithmo e pela rima, para dar maior encanto ao quadro. Mas a linguagem é das mais simples que pódem imaginar.

Com *O salto mortal*, que em um excellente desempenho por parte de Ferreira da Silva, Maria Falcão, Emilia Lopes e Carlos Santos, e que tem sido muito applaudido,—fórma espectaculo a deliciosa comedia de Fernando Caldeira, a *Mantilha de renda*, que o publico ouve encantado, porque é um verdadeiro encanto ouvir o verso espirituoso, alado d'um poeta que vê a vida através d'um véu côr de rosa, e sempre entrecortada de sorrisos, de flores, de amor, de musica e de perfumes.

SPECTATOR.

Condições de assignatura

Lisboa

Trimestre 800 réis; Semestre 1$600 réis; Anno 3$000 réis; Numero avulso 60 réis

Provincias

Trimestre 900 réis; Semestre 1$800 réis; Anno 3$500 réis

Assigna-se na Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS — Rua Garrett, (Chiado), 73 e 75, Lisboa

Typ. da Comp. Nacional Editora